



A juventude diante da TV: representação e identidade no telejornalismo brasileiro¹

Marcos Vinicius Meigre e Silva²

Mariana Ramalho Procópio³

Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo discutir a representação do telejornalismo brasileiro criada por jovens do 2º ano do ensino médio de uma escola pública de Cataguases - MG. Para alcançarmos nosso propósito, adotamos como procedimento metodológico o grupo focal, realizado com os estudantes no próprio ambiente escolar. Primeiramente, apresentamos, de maneira sintética, a história da TV nacional e, em seguida, traçamos um paralelo com a evolução do telejornalismo no país. Trazemos ainda breves apontamentos sobre a teoria das representações sociais, bem como os conceitos de identidade e diferença. Após as considerações teóricas, pontuamos quais percepções os jovens têm acerca do telejornalismo, seja defendendo modelos tradicionais (como *Jornal Nacional*), seja defendendo os modelos sensacionalistas (como o *Cidade Alerta*).

PALAVRAS-CHAVE: Telejornalismo brasileiro; Juventude; Identidade; Representação.

INTRODUÇÃO

A televisão, logo que se expandiu entre os lares brasileiros, ganhou um lugar de destaque. Ocupando espaço nobre nas casas, ela passou a reunir familiares e amigos em torno de conteúdos variados. Estar diante de uma TV se configurava como um processo de encantamento, que envolvia características multissensoriais. Nesse sentido, audição e visão são estimuladas efetivamente ao longo de uma emissão televisiva – cada qual à sua maneira.

Mas em seus primórdios, como afirma Barbosa (2010), a TV exigia maior concentração por parte dos telespectadores, por conta da precariedade dos sons e a falibilidade na transmissão de imagens. Barbosa (2010) ainda aponta para o imaginário

¹ Trabalho apresentado no IJ 5 – Rádio, TV e Internet do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 22 a 24 de maio de 2014.

² Estudante do curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa. Bolsista PIBIC/CNPq. marcosmeigre@hotmail.com

³ Doutora em Linguística do Texto e do Discurso. Professora do Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa. mariana.procopio@ufv.br



criado em torno da televisão, antes mesmo que ela se concretizasse como objeto cotidiano nos lares brasileiros. O que se notou, ainda na década de 1950, foi a divulgação de características apresentadas como comuns à TV – tal qual o imediatismo e a qualidade de imagem – mas que, de fato, eram protótipos do que, futuramente, a televisão seria capaz de apresentar para seu público. Inicialmente, a TV era um aparelho cercado de mistério, tanto para quem a assistia quanto para quem produzia seus conteúdos. Os equipamentos e tecnologias envolvidos ainda eram pouco conhecidos e, por isso, a TV não podia se consolidar como meio de comunicação de massa da mesma forma que acontecera com o rádio.

Com o decorrer do tempo, entretanto, a televisão adquiriu um caráter fascinante e, de maneira geral, fazendo uma releitura de Marshall McLuhan, o fato de assistir à TV se tornou mais envolvente do que o próprio conteúdo transmitido por ela – ou seja, o meio se configurou como mensagem. Cria-se um encantamento, conforme salienta Rezende (2000), com relação ao ato de se estar diante da TV, percebendo variados gêneros televisivos num fluxo constante. É o que ocorre, por exemplo, nos intervalos comerciais, nos quais os receptores se veem diante de dramas, ficção, realidade, cenas de terror, ação, sexo e violência num mesmo fluxo de informações, recortadas em intervalos periódicos de, geralmente, 30 segundos. O discurso televisivo é construído a partir desses *flashes* de propagandas, destacando o potencial econômico que a TV possui e como as questões financeiras orientam toda a grade de programação.

É nessa mistura de gêneros – seja nos intervalos comerciais ou até mesmo nos próprios programas – que o telespectador vivencia um sincretismo entre realidade e ficção. Em muitos momentos, lhe parece difícil discernir o real do ficcional por conta da aproximação que se nota entre esses dois eixos. O jornalismo cada vez mais tem se exemplificado nesse sentido, principalmente se levarmos em conta o caráter dramático que assume e a proximidade com o estilo narrativo – como se fosse uma obra de telenovela. Em vista dessa realidade, a maneira como a audiência representa o jornalismo – narrado de forma dramática por alguns jornalistas – sofre alterações relevantes, que merecem ser pontuadas. Antes, porém, faz-se necessário descrever como o jornalismo praticado em TV surgiu, se reconfigurou e tem se reconfigurado nos últimos anos.



O TELEJORNALISMO BRASILEIRO: HISTÓRIA E RENOVAÇÃO AO LONGO DAS DÉCADAS

O telejornalismo brasileiro, segundo pontua Rezende (2000), sofreu significativa influência do modelo norte-americano de produção e construção da notícia. Importando conceitos como *lead* e pirâmide invertida, o Brasil desenvolveu um telejornalismo diretamente atrelado ao que se estabeleceu primeiramente nos Estados Unidos. Tal quadro se intensificou principalmente após a Segunda Guerra Mundial, conforme afirma Marques de Melo (*apud* REZENDE, 2000).

A história do telejornalismo brasileiro está diretamente atrelada ao próprio início da televisão no país. Logo após o surgimento da TV Tupi, em setembro de 1950, já entrava no ar o *Imagens do Dia*, primeiro telejornal do Brasil (REZENDE, 2000). Em 1952, veio o segundo telejornal, também transmitido pela TV Tupi de São Paulo: o *Telenotícias Panair*. Contudo, o maior destaque dessa era inicial do jornalismo de TV viria com o *Repórter Esso*, oriundo do rádio e dedicado a conteúdos nacionais e internacionais (REZENDE, 2000). Mas, como se tratava de um período incipiente das telecomunicações, não era difícil encontrar graves falhas na produção dessas atrações, principalmente no que se refere à questão técnica. Esse momento inicial da TV brasileira, no qual tanto os telejornais como quaisquer programas televisivos enfrentavam gigantescas dificuldades em sua produção, Mattos (2002) denomina como fase elitista da televisão, visto que pouquíssimas famílias tinham aparelho televisor em casa. Na década de 1950, o preço de uma televisão se equiparava ao de um carro.

Já na década de 1960, o avanço vivido pelo telejornalismo foi, em grande parte, resultado das inovações promovidas pelo *Jornal de Vanguarda*. Produzido pela TV Excelsior, a partir de 1962, o *Jornal de Vanguarda* “introduziu muitas novidades na concepção de telejornalismo. A principal foi a participação de jornalistas como produtores e – acontecimento inédito – como apresentadores das notícias (REZENDE, 2000, p. 107)”. Entretanto, a ditadura militar, iniciada ainda na década de 60, levou o jornal ao encerramento.

A ditadura militar impedia que o telejornalismo brasileiro se desenvolvesse em termos de estilo. Mesmo com os avanços técnicos já visíveis na década de 1960, a qualidade jornalística ainda era bastante deficitária (REZENDE, 2000). Essa fase, na classificação de Mattos (2002), submetida ao poder dos generais, é chamada de fase populista da televisão brasileira, em que o número de aparelhos espalhados pelo país já



sofrera um aumento significativo, os avanços técnicos despontavam como resultado de investimento dos próprios militares, mas a liberdade de circulação de conteúdos fora cerceada.

É ainda na década de 1960 que ocorre uma alteração significativa para os padrões do telejornalismo que, até então, dominavam a TV brasileira. Com a possibilidade tecnológica de integração em rede nacional, um dos resultados oriundos da política dos militares em busca de integração de todo o país, surgiu o *Jornal Nacional*, da TV Globo, em setembro de 1969. O telejornal, por trás dos ideários de unificação, carregava em si pretensões mercadológicas (REZENDE, 2000) que acompanhariam tanto o jornal quanto a própria Rede Globo por conta de sua ligação com o regime totalitário.

Já no início da década de 1970, outro marco do telejornalismo brasileiro se deu com a extinção do *Repórter Esso*, da TV Tupi. Com o fim do telejornal, na visão de Rezende (2000), chegava ao fim também um modelo de comunicação da notícia – essencialmente fundamentado nos padrões radiofônicos. Ainda ao longo da década de 1970, o telejornalismo brasileiro vivenciou um período de pouca expressividade em termos de inovações em suas produções. Isso porque a censura instalada pelo governo militar, notadamente com o Ato Institucional nº 5, cerceava as formas de expressão jornalística. Em síntese, o que se notou foi um expressivo avanço na parte técnica, com a consolidação das transmissões em rede (REZENDE, 2000), fazendo sucumbir as programações regionais. É nesse período, ainda ao longo da ditadura militar, que Mattos (2002) aponta para a terceira fase da TV nacional: a fase do desenvolvimento tecnológico, que permitiu a consolidação das redes de TV no Brasil.

Na década de 1980, a ascensão das emissoras SBT e Manchete trouxe novos contornos para o jornalismo praticado em televisão. O SBT, por exemplo, se destacou com a criação do *Telejornal Brasil*, comandado por Boris Casoy. O jornalista conferiu ao telejornal um tom opinativo, diferenciando-se do modelo de ancoragem norte-americano e seguido pela TV Globo. Ainda no SBT, outro estilo jornalístico despontou já na década de 1990, com o policialesco *Aqui Agora*. Em tom mais agressivo, o telejornal diferia do *TJ Brasil* e não dispunha da mesma credibilidade que o primeiro, apesar de superá-lo em audiência (REZENDE, 2000).

Dos anos de 1985 a 1990, Mattos (2002) afirma que a TV brasileira viveu a fase da transição e expansão internacional, marcada pelo avanço técnico das TVs, sua maturidade em termos de produção e a substituição de enlatados por novas produções



nacionais. Além disso, tem-se o início da caminhada em busca de aceitação no mercado internacional – notadamente a Rede Globo de Televisão.

Já a década de 90 trouxe ainda outra importante mudança para o jornalismo de TV: a criação de canais por assinatura. Esse período é classificado por Mattos (2002) como a fase da globalização e da TV paga. A Globo News foi a pioneira no referido gênero. Entretanto, “o crescimento da TV por assinatura acabou se transformando, por outro lado, numa das causas da queda de audiência das televisões abertas, com clara repercussão na área do telejornalismo (REZENDE, 2000, p. 139)”.

Por fim, segundo Mattos (2002), a mais recente fase da televisão brasileira se caracteriza pela convergência e a qualidade digital, em que TV e internet passam a se imbricar de forma permanente e ainda bastante discutível com relação ao futuro dos dois meios. As formas de participação e atuação da audiência sofreram alterações significativas e enxergar a TV, bem como ao telejornalismo especificamente, passou por mudanças na ordem da percepção, principalmente se levarmos em conta a nova audiência que, diante da TV, também pode se colocar em contato direto com os meios eletrônicos – num processo ainda recente, mas capaz de já aguçar os pesquisadores quanto ao futuro de toda a grade de programação das TVs.

Assim sendo, nota-se que o telejornalismo acompanhou as mudanças sofridas pela própria televisão durante as últimas décadas. Embora tais classificações ou caracterizações se perpetuem por décadas, é possível perceber a emergência de modelos antigos ou a reatualização de modelos, num processo em que o jornalismo se recodifica conforme as tendências de cada época. Em nossa pesquisa, damos enfoque ao chamado “jornalismo cão” ou “jornalismo sensacionalista” praticado atualmente por programas como *Cidade Alerta* e *Brasil Urgente* – herdeiros diretos do estilo difundido pelo extinto *Aqui Agora*.

A RECONFIGURAÇÃO DO TELEJORNALISMO BRASILEIRO: *CIDADE ALERTA E BRASIL URGENTE*

Logo que a TV entrou em funcionamento no país, telejornais, telenovelas e programas de auditório dominaram a programação do novo veículo de massa. Mesmo não tendo grande destaque na grade televisiva, programas considerados dramáticos sempre apareceram dentre as opções oferecidas pelas emissoras. Em 1966, a TV Paulista (atual TV Globo) colocou no ar o programa *O Homem do Sapato Branco*,



apresentado por Jacintho Figueira Júnior. A atração “trazia cidadãos anônimos, que relatavam dramas pessoais, fatos do seu dia-a-dia, histórias escabrosas e histórias de amor (LANA, 2009, p. 19).” O programa teve seu fim em 1980, depois de ter passado por Bandeirantes, TV Cultura, Rede Globo e SBT. Entretanto, deixou um legado significativo para outras produções tipicamente apelativas. Ainda na década de 1960, surgiu o *Domingo de Verdade*, apresentado por J. Silvestre na TV Tupi. Voltado para a exploração da intimidade humana e as mazelas sociais, a atração premiava a pior história apresentada no palco (LANA, 2009).

Da extinta TV Tupi o SBT trouxe, em 1981, *O Povo na TV*, mantendo a exploração do grotesco e do pitoresco. Charlatanismo e curas espirituais caracterizavam o programa que chegou a ter seu idealizador, Wilton Franco, preso. Após extinto, o SBT não abandonou o estilo cão em sua programação. Além de investir em programas enlatados, basicamente nas telenovelas mexicanas, a emissora se baseou num telejornalístico argentino para criar o telejornal *Aqui Agora*. Também explorando as mazelas humanas, chegando a exibir a morte de um bebê e o suicídio de uma adolescente ao vivo, o estilo do telejornalístico causava a mesma depreciação na imagem da emissora desde os tempos dos programas de auditório, tidos como popularescos.

Apesar da boa audiência, era uma produção que não acrescentava credibilidade à imagem da emissora – ao contrário do *TJ Brasil*, uma inovação com a figura do âncora Boris Casoy no SBT. Via-se um paradigma: audiência e credibilidade. Além disso, *Aqui Agora* trazia a mesma exploração já vista em *O Povo na TV*, porém com uma diferença peculiar: este não era idealizado e conduzido por jornalistas, ao contrário do primeiro. Na visão de Roxo, “o que incomodava no ‘*Aqui Agora*’ era o fato de ele ser jornalístico. Diferentemente de ‘*O Povo na TV*’, híbrido entre programa de auditório e jornalismo comandado por um não-jornalista, ‘*Aqui Agora*’ foi pensado e elaborado por jornalistas profissionais (ROXO, 2010, p. 189)”, ao contrário de seus precursores na TV.

Após tantas polêmicas, o telejornalístico *Aqui Agora* chegou ao fim em 1997, tendo deixado um rastro significativo de influência dentro da TV nacional. A própria TV Globo que, primeiramente, passou por um processo de “limpeza” em sua grade, eliminando conteúdos que não se adequavam ao chamado “padrão Globo de qualidade”, teve de recuar. Diante do sucesso das concorrentes com formatos popularescos, ela se viu obrigada a rever certos conceitos e introduzir elementos novos em sua grade. O programa *Linha Direta* surgiu nessa conjectura. Segundo Mendonça (2010), o programa



chegou a ser a terceira maior audiência da emissora, perdendo apenas para o *Jornal Nacional* e a novela das oito. Ficava atrás, portanto, apenas de um programa jornalístico e um enredo de dramaturgia.

Em seu discurso, *Linha Direta* buscava conduzir o público a uma interatividade ainda incipiente na tela da TV. Exacerbando as emoções dos entrevistados, explorando fatos reais (jornalismo) de forma emotiva (dramaturgia), o programa convidava o público a pensar nas crueldades cometidas e a solicitar a ajuda de quem conhecesse os culpados. Isso porque, segundo Roxo (2010), o programa atuava como um personagem, como se fosse a própria polícia pedindo a colaboração para solucionar crimes em andamento.

Hoje, diversas produções que se assumem jornalísticas prezam pelo mesmo teor agressivo e sensacionalista adotado pelo antigo telejornal do SBT. Telejornais como *Cidade Alerta* e *Brasil Urgente*, da Rede Record e TV Bandeirantes, respectivamente, exploram de forma excessiva as mesmas fórmulas esgotadas pelo extinto *Aqui Agora*. Nesse contexto, é possível notar distinções na maneira de se perceber o jornalismo por parte da audiência, principalmente quando a audiência são os jovens – já habituados a um novo modelo de comunicação mediada pelas novas tecnologias. Representar o jornalismo é uma atividade que se reconfigura diante da apreensão que a audiência faz dos produtos que lhe são transmitidos.

Vale ressaltar que nosso trabalho é resultado de um grupo focal realizado em 22 de novembro de 2013, como parte integrante do processo de produção de monografia – ainda em andamento. Antes de apontarmos quais percepções tiveram os jovens com relação ao jornalismo, destacamos a importância da teoria das representações sociais e os conceitos de identidade e diferença. Por isso, a seguir, traçamos um breve panorama sobre tais conceitos e de que forma o uso deles pode nos auxiliar nessa pesquisa.

IDENTIDADE, DIFERENÇA E TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

A teoria das representações sociais tem sua base nos postulados de Serge Moscovici. Na visão de Moscovici, as representações sociais possuem duas funções:

Em primeiro lugar, elas convencionalizam os objetos, pessoas ou acontecimentos que encontram. Elas lhes dão uma forma definitiva, as localizam em uma determinada categoria e gradualmente as colocam como um modelo de determinado tipo, distinto e partilhado por um grupo de pessoas. (...) Em segundo lugar, representações são prescritivas, isto é, elas se impõem sobre nós com uma força



irresistível. Essa força é uma combinação de uma estrutura que está presente antes mesmo que nós comecemos a pensar e de uma tradição que decreta o que deve ser pensado (MOSCOVICI, 2011, p. 34-36)

Com relação às convenções, elas nos permitem identificar significados e interpretar sentidos assumidos por objetos ou pessoas em determinados contextos. Assim, o conhecimento prévio orienta nossas percepções, uma vez que “cada experiência é somada a uma realidade predeterminada por convenções (MOSCOVICI, 2011, p. 35).”

Por outro lado, o caráter prescritivo das representações indica nossa submissão a uma série de saberes e valores já existentes, independentes de nossa vontade, que direcionam nossas interpretações. É nesse sentido que o autor afirma que as representações “são impostas sobre nós, transmitidas e são o produto de uma sequência completa de elaborações e mudanças que ocorrem no decurso do tempo e são o resultado de sucessivas gerações (MOSCOVICI, 2011, p. 37).”

As interações humanas estão diretamente ligadas às representações – sejam interações entre pessoas ou grupos.

Pessoas e grupos criam representações no decurso da comunicação e da cooperação. Representações, obviamente, não são criadas por um indivíduo isoladamente. Uma vez criadas, contudo, elas adquirem uma vida própria, circulam, se encontram, se atraem e se repelem e dão oportunidade ao nascimento de novas representações, enquanto velhas representações morrem (MOSCOVICI, 2011, p. 41)

Por isso, nossa pesquisa, fundamentada na interação obtida durante a realização de um grupo focal com jovens, tem enfoque nas representações estabelecidas por esta parcela específica da audiência. Enxergar como a juventude representa o jornalismo significa compreender a própria percepção de valores sociais embutidos nos discursos dos adolescentes. Assim sendo, é importante salientar o caráter coletivo das representações, visto que “representar significa, a uma vez e ao mesmo tempo, trazer presentes as coisas ausentes e apresentar coisas de tal modo que satisfaçam as condições de uma coerência argumentativa, de uma racionalidade e da integridade normativa do grupo (MOSCOVICI, 2011, p. 216)”

Com relação ao conceito de identidades, estas adquirem sentido através da linguagem e dos sistemas simbólicos que as representam. Além disso, a identidade é relacional, pois depende da contraposição que se estabelece entre identidades distintas (ou seja, depende da diferenciação entre identidades). Assim, assume-se uma série de



características como pertencentes a um dado grupo e tudo que lhe for distinto, é classificado como “diferença”. Identidade e diferença, portanto, se integram num par opositor diretamente vinculado. Nesse sentido, vale ressaltar que “As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença.” (WOODWARD, 2000, p. 39). Por outro lado, “A diferença é aquilo que separa uma identidade da outra, estabelecendo distinções, frequentemente na forma de oposições” (WOODWARD, 2000, p. 41)

As identidades têm um caráter relativo, moldado a partir das oposições binárias. Entretanto, essa condição dicotômica – encontrada nas teorias de Saussure e dos estruturalistas – é tida como negativa, pois sempre valoriza um ponto em detrimento do outro. Homem/mulher, dia/noite, cultura/natureza, todos esses itens estão imbricados de valores relativos entre si (numa relação permanente de dualidade), em que um deles é visto como o “normal” e o outro é sempre o “desviante”. Contudo, não existe uma fixidez, e sim uma contingência, por isso os significados variam frequentemente. Em nossa pesquisa, os conceitos de identidade e diferença remetem à percepção que os jovens têm do telejornalismo e quais características atribuem aos telejornais a que assistem. Assim, ao qualificar determinado telejornal, fazem-no a partir de ideias e representações já construídas socialmente, e diante disso, opõem a determinado telejornal todo conteúdo que expresse fuga a tal modelo (o desviante). É assim que podemos, no item seguinte, apontar a identificação que jovens mantêm com certos telejornais, enquanto se distanciam de outros – num processo de reconhecimento de identidade e diferença.

Com base nesses conceitos, pontuamos a seguir as percepções obtidas na discussão em grupo focal com estudantes do 2º ano do ensino médio de uma escola pública em Cataguases, Minas Gerais. Seguindo as orientações para aplicação da metodologia grupo focal, os participantes não serão identificados por seus respectivos nomes. Sendo assim, cada um dos estudantes teve seu nome relacionado a uma letra e um número (letra C, representando o nome da escola: Escola Estadual Professor Clóvis Salgado; e um número, seguindo a ordem alfabética dos nomes selecionados).

A JUVENTUDE DIANTE DA TV

O grupo focal é uma metodologia empregada com o objetivo de se apreender as percepções de um conjunto de indivíduos sobre determinado tema, não importando opiniões isoladas, e sim o resultado da interação durante o ambiente de realização do



grupo. Discussão em grupo focal “é uma técnica que recolhe dados da vida real em um contexto social” (THORNTON, 2005, p 21). Constitui-se ainda como uma maneira de se obter informações a partir de conversas guiadas entre membros de um determinado conjunto (THORNTON, 2005). Nesse sentido, nossa pesquisa trabalhou com 15 alunos do 2º ano do ensino médio de uma escola pública de Cataguases – MG, a fim de analisar as percepções dos jovens sobre o telejornalismo. Realizamos dois grupos focais, em dias e horários específicos, e no próprio ambiente escolar. Para a organização dos grupos, contamos com a colaboração da direção e coordenadores das escolas envolvidas no projeto (são elas: Escola Estadual Professor Clóvis Salgado e Colégio Soberano). Tais escolas foram escolhidas por conta da proximidade do pesquisador com ambas as instituições, sendo aluno egresso das respectivas unidades de ensino. Os grupos focais foram gravados em áudio e vídeo para posterior transcrição.

Para iniciar as discussões dos grupos, primeiramente foi realizada uma abertura – composta por perguntas introdutórias e com a intenção de se familiarizar com os membros dos grupos, descontrair o ambiente e ainda indicar a relação e o interesse dos jovens pelas mídias em geral. Num segundo momento, buscamos perceber qual o vínculo mantido pelos jovens com os telejornais em geral e, em seguida, voltando-se para o telejornalismo regional. A terceira fase se ateve às percepções dos participantes com relação às reportagens selecionadas para realização do grupo (reportagens exibidas pelo telejornal MGTV, da TV Integração de Juiz de Fora-MG, entre junho e julho de 2013). Por fim, o último bloco de questões buscou ponderar a quais considerações os jovens chegaram ao fim de três reportagens.

Vale ressaltar que este trabalho é um recorte da pesquisa “A representação da cidade de Cataguases no telejornalismo regional”, desenvolvida como projeto de monografia na Universidade Federal de Viçosa e ainda em andamento. Por isso, não apresentamos aqui um resultado de pesquisa, e sim considerações parciais acerca da temática estudada. Dessa maneira, pontuamos neste trabalho a percepção de apenas um grupo de jovens sobre o telejornalismo. Neste artigo, apresentamos os dados obtidos com os alunos da escola pública. Relembramos ainda que, seguindo as recomendações teóricas relativas a grupo focal, os jovens não foram identificados por seus respectivos nomes, e sim por uma sigla específica previamente estabelecida.

Com base em tais informações, a partir da discussão em grupo focal realizada com os jovens, ponderamos alguns aspectos que julgamos relevantes destacar. Primeiramente, o grupo demonstrou opiniões contrárias quanto ao estilo jornalístico que



mais possui credibilidade entre eles: uns julgam produtos como *Cidade Alerta* e *Brasil Urgente* os mais aceitáveis, outros preferem o dinamismo e agilidade do *Jornal Nacional*, por exemplo. Os jovens que defendem os herdeiros do *Aqui Agora* alegam encontrar nesse tipo de telejornal um conteúdo mais vasto, transmitindo-lhes a sensação de completude, com os quais se identificam porque têm a impressão de que a notícia foi vasculhada até o último ponto possível. Tendo em vista a noção de que o Jornalismo é o defensor da verdade e transmissor imparcial dos conteúdos, na visão de alguns jovens esses programas atendem de maneira eficaz a tal propósito – como se nota no trecho a seguir, transcrito do grupo:

C7: [...] o *Cidade Alerta*, nossa, a gente vê e com certeza a gente fica informado. Tipo o caso Joaquim⁴, é totalmente diferente da Globo, eu acho.

C4: É mais detalhado.

C7: Vê *Jornal Nacional* e vê *Cidade Alerta*, entendeu?

C11: Eles interagem mais com o conteúdo, parece.

Com relação aos detalhes citados por um dos participantes do grupo, tais programas se aproximam do público justamente por se valerem do emprego de um estilo mais popular, condizente com a linguagem e os trejeitos da audiência que se interessa por tais produtos. Por isso, os jornalistas que conduzem atrações dessa natureza se fundamentam, muitas vezes, num hibridismo entre a linguagem coloquial e a norma culta, na tentativa de apreender audiência sem fugir aos moldes da comunicação padrão.

O profissional de comunicação deve, então, preocupar-se em elaborar mensagens que sintetizem valores de uma linguagem dita “cultura” e o tom coloquial do falar cotidiano, mas sem ignorar as características da audiência a que se destina. Se assim não fizer, estará sempre fadado ao insucesso (REZENDE, 2000, p. 61)

Ao considerarem os detalhes como elementos fundamentais na constituição de um telejornal, os jovens deixam a entender que a maneira de falar e se comunicar dos apresentadores é algo relevante e atrativo na dinâmica dos telejornais. Diferenciando o chamado “padrão Globo de qualidade” do estilo empregado por outras emissoras, alguns participantes do grupo enfatizam o ritmo adquirido pelos telejornais que fazem uso de uma linguagem mais coloquial e caracterizado por expressões típicas da comunicação cotidiana – como o andar por entre o estúdio, as expressões faciais, as mudanças repentinas no timbre de voz, dentre outros recursos muito comuns nas

⁴ O caso Joaquim se refere ao menino Joaquim Ponte Marques, de 3 anos, morto em Ribeirão Preto e encontrado no Rio Pardo, em Barretos (2013).



atrações *Cidade Alerta* e *Brasil Urgente* (que, este último, apesar de não citado pelos jovens, também se enquadra perfeitamente nas mesmas características aplicadas ao telejornal da TV Record, apresentado por Marcelo Rezende).

Entretanto, as discrepâncias de opinião dentro do grupo mostram que não há uma unanimidade quanto ao fazer jornalístico na visão dos jovens. Além disso, enquanto uns se identificam com o estilo dos telejornais ditos sensacionalistas, ao explicitarem suas opiniões, deixam claro o processo de identidade e diferença, visto que, para representar a imagem de um bom telejornal, eles se valem de comparações com outros telejornais (notadamente da TV Globo), a fim de reconhecer características que os distinguem e os individualizam.

Nesse sentido, o trecho a seguir indica de maneira clara tal processo de identidade e diferença na percepção que os jovens têm com relação ao telejornalismo brasileiro. O fragmento traz comentários sobre o *Cidade Alerta* e o *Jornal Nacional*, em que determinados jovens defendem um telejornal, enquanto outros o atacam, explicitando suas razões para tais apontamentos.

C5: Mas o *Cidade Alerta* é muito chato, porque fica todo dia a mesma coisa, que nem o caso Joaquim, todo dia aquilo.

C4: Mas o *Cidade Alerta* é mais investigativo, mais policial mesmo. Por isso ficam amassando o assunto dia e noite, noite e dia. O *Jornal Nacional* não, ele dá – (alguém o interrompe)

C5: Só uma passada...

C4: Exatamente. Ele pega notícia de China, notícia do mundo todo, bolsa de Valores, blá blá blá, sei lá o quê.

C3: Eles não têm muito tempo pra passar.

Fica evidente no excerto anterior que os jovens nutrem uma noção acerca da composição dos telejornais, levando em conta a diversidade de assuntos que abordam e o tempo reduzido que possuem para se dedicar aos mais variados conteúdos. Toda a produção jornalística em TV está condicionada ao fator tempo, que orienta a duração das reportagens, o número de inserções ao vivo, a inserção de publicidade, etc.

Com base no quadro a seguir, apresentando uma síntese dos pontos defendidos e atacados pelos estudantes, é possível apreender que os jovens têm interesse por noticiários que transmitem conteúdos com profundidade, mas buscam fugir das repetições excessivas. Assim sendo, unindo-se os aspectos positivos de *Cidade Alerta*, defendido por uma parcela dos jovens, aos aspectos positivos do *Jornal Nacional*, pode-se inferir que os adolescentes buscam telejornais investigativos, defensores da verdade,



mas que prezem pela diversidade de pautas e se fundamentem num dinamismo que o torne agradável.

A visão dos jovens sobre o telejornalismo brasileiro: aspectos positivos e negativos			
<i>Cidade Alerta</i>		<i>Jornal Nacional</i>	
<i>Aspectos positivos</i>	<i>Aspectos negativos</i>	<i>Aspectos positivos</i>	<i>Aspectos negativos</i>
Riqueza de detalhes	Repetição excessiva	Dinamismo	Tempo reduzido
Profundidade			
Compleitude			
Defensor da verdade		Variedade de temas	Síntese da informação
Caráter investigativo			
Convergência de mídias como destaque positivo nos dois casos: facilidade de acesso a conteúdos em rede			

Quadro 1: A visão dos jovens sobre o telejornalismo brasileiro

Outro aspecto destacado pelos jovens diz respeito à última fase vivida pela televisão: a convergência. Independentemente das divergências ao estabelecerem representações sobre o jornalismo, os jovens chegam a um importante consenso sintetizado na fala de um dos participantes do grupo e confirmado pelos outros. Ao dialogarem sobre a dinâmica dos telejornais e como cada produção se articula para distribuir em determinado intervalo de tempo todo o conteúdo que se deseja transmitir, um dos estudantes fez a seguinte afirmação: “C11: O bom deles [os telejornais em geral] é que depois você pode procurar na internet se quiser saber mais”.

Assim, os estudantes ressaltam que, acima das divergências de opiniões sobre o jornalismo praticado na atualidade, a tecnologia é capaz de unificá-los em algum momento, permitindo acesso ampliado a conteúdos que antes não circulariam fora dos limites das emissoras. Em tempos de convergência, o acesso facilitado a novas tecnologias e o uso frequente da internet por longas horas caracterizam o universo de uma nova audiência.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo do pressuposto básico do jornalismo – de que devemos construir os textos de modo a serem apreendidos por quaisquer leitores – é essencial estruturar uma notícia coerente com a realidade do público em geral. Assim, preza-se pela simplicidade, pelo uso de termos de fácil assimilação. Isso não significa, entretanto, um empobrecimento do jornalismo – ou, pelo menos, não deveria ser. Os manuais de redação de jornais impressos, em geral, trazem essa ressalva para o uso da simplicidade. Apesar de muito criticados, tais manuais podem servir de parâmetro, desde que bem conciliados com uma escrita original e fluente.

É essa simplicidade que aproxima, muitas vezes, o público das atrações televisivas. A prova disso é a aceitação de programas popularescos condenados por estudiosos, mas facilmente aceitos entre grande parcela da audiência. Em televisão, o falar simples diz respeito não só ao emprego de palavras comuns, do cotidiano, mas também a uma aproximação de trejeitos com o dia a dia do público receptor – por isso as marcas de expressão se fazem tão importantes. É assim que o público se identifica com o conteúdo que vê em tela, e mais do que isso, é assim que se sente atraído para permanecer em frente à tela, em tempos que despontam inúmeras outras opções de fácil acesso à informação.

Em posse dessas ponderações, pode-se afirmar que a juventude, sem caminhar no sentido de qualquer generalização descabida (algo que este trabalho não pretendeu em momento algum), tem buscado se identificar com o jornalismo praticado pela televisão brasileira nos dias atuais: seja se identificando com modelos já tradicionais e arraigados na sociedade em geral (basicamente expresso pelo tradicionalismo do *Jornal Nacional*), seja defendendo novas releituras para o jornalismo – um jornalismo que se aproxime do público e fuja à bancada, aos modos padronizados e às regras pré-estabelecidas de condução de um noticiário.

O telejornalismo, desde seu surgimento na TV nacional, já caminhou por diversas direções. Da década de 1950 aos dias atuais, foram constantes reconfigurações na tentativa de aperfeiçoar o gênero e lhe incorporar novas características, conforme os anseios da audiência – que também se reconfigurava a cada nova década que se passava. Recentemente, com a ascensão das novas tecnologias, a reconfiguração tem se dado de maneira mais abrupta, no intuito de conter a perda significativa de audiência para os aparelhos eletrônicos. Mesmo sem ser possível afirmar categoricamente qual o futuro do



telejornalismo brasileiro, é possível salientar que a audiência, notadamente os jovens, está atenta a essas transformações – com o olhar atento para os caminhos que a TV vem tomando. A presença dos meios digitais não afastou a audiência jovem diante do sofá. Há um processo de simultaneidade, aliando TV e internet – mídia tradicional e novas mídias, uma discussão que ainda exige longo caminho de pesquisa.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Marialva Carlos. Imaginação televisual e os primórdios da TV no Brasil. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart (org.); SACRAMENTO, Igor (org.); ROXO, Marco (org.). **História da televisão no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 15-35.

LANA, Ligia Campos de Cerqueira. **Para além do sensacionalismo: uma análise do telejornal Brasil Urgente**. Rio de Janeiro: E-papers, 2009.

MATTOS, Sérgio. **História da televisão brasileira** – uma visão econômica, social e política. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MENDONÇA, Kleber. Em “Linha Direta” com os novos padrões para o telejornalismo. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart (org.); SACRAMENTO, Igor (org.); ROXO, Marco (org.). **História da televisão no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 239-258.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 5º ed. Trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2007.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. São Paulo: Summus, 2000.

ROXO, Marco. A volta do “jornalismo cão” na TV. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart (org.); SACRAMENTO, Igor (org.); ROXO, Marco (org.). **História da televisão no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 177-196.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Tomaz Tadeu da Silva (org.), Stuart Hall, Kathryn Woodward. Petrópolis: Vozes, 2000.

THORNTON, Ricardo. **Grupos de discussão**. Grupos focais. Metodologia. Trad. Luciane D’Ávila de Moura, Leonardo Meira do Nascimento. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2005.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 07-72.